

A Argumentação No Gênero Reportagem: Mecanismos Enunciativos Na Construção De Sentidos Sobre Tecnologia Na Educação

THE ARGUMENTATION ON GENRE REPORT: ENUNCIATIVE MECHANISMS IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS ABOUT TECHNOLOGY IN EDUCATION

Sueli Correia Lemes VALEZI¹

Resumo: Este artigo registra a análise dos recursos linguístico-enunciativos que constroem a argumentatividade de uma reportagem publicada na revista *Veja*, sobre o tema “tecnologia e educação”. A leitura dos dados deste trabalho foi baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Argumentativa, com autores como Koch (2003; 2009), Ducrot (1987) e Oliveira (2002; 2004), e contribuições de Bronckart (1999) e Maingueneau (2004). A análise de dados destacou recursos argumentativos que revelaram alto grau de subjetividade do locutor, especialmente identificada por mecanismos intensificadores e modalizadores. A trama argumentativa do locutor, a fim de persuadir o leitor, objetivou fazê-lo aderir à tese de que a tecnologia configura-se como um meio promissor para a melhoria da qualidade da educação brasileira. Ao valorizar expressivamente os benefícios do computador, o texto acaba veiculando sentidos que depreciam a escola brasileira e suas atuais ações pedagógicas, reiterando, assim, a concepção que circula na sociedade sobre a qualidade de ensino no Brasil.

Palavras-chave: Argumentação. Mecanismos enunciativos. Tecnologia na educação.

Abstract: This article records the analysis of linguistic and enunciative resources that build the argumentativity of a report published in *Veja* magazine on the theme "technology and education". The reading data in this study was based on the theoretical and methodological assumptions of Argumentative Semantics, with authors such as Koch (2003, 2009), Ducrot (1987) and Oliveira (2002, 2004), and contributions Bronckart (1999) and Maingueneau (2004). The analysis of data emphasized argumentative resources that revealed a high degree of subjectivity announcer, especially identified by modal and intensifiers mechanisms. The argumentative weft announcer to persuade the reader aimed make it to adhere to the thesis that technology is configured as a promising means for improve the quality of education in Brazil. To appreciate significantly the benefits of the computer, the text ends up conveying meanings that depreciate the Brazilian school and its recent pedagogical actions, thus reiterating the conception that circulates in society about the quality of education in Brazil.

Keywords: Argumentation. Intensification mechanisms. Technology in education.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá/MT. Endereço eletrônico: suelivalezi@hotmail.com.

Introdução

Motivado pelas pesquisas em torno do objeto de estudos do meu doutoramento sobre o tema “O ensino de Língua Portuguesa na Educação Profissional sob a mediação de ferramentas tecnológicas”, o meu olhar investigador era comumente despertado diante de textos que materializavam práticas ideológicas sobre o tema “novas tecnologias para o ensino”. Nesse percurso investigativo, deparei-me com a reportagem intitulada “Quando a aula chega à rede”, publicada na Revista *Veja*, no dia 15 de setembro de 2010 (LIMA, 2010) (Anexo 1). Com base na Semântica Argumentativa, a investigação sobre os sentidos construídos no texto partiu do exame de recursos argumentativos que instauraram, ou mesmo legitimaram as concepções de grupos sociais hegemônicos em torno das novas tecnologias – em especial do computador – e o ensino de um modo geral no país.

A reportagem constrói uma trama argumentativa que visa persuadir o interlocutor para aderir a tese de que a tecnologia exerce um papel fundamental para a melhoria da qualidade da educação brasileira. Ao mesmo tempo, o locutor acaba por inferiorizar, como de costume, a escola brasileira em relação às escolas de outros países no que diz respeito às ações pedagógicas.

A identificação de marcas enunciativas em um texto da esfera jornalística é uma tentativa de se evidenciar a falsa afirmação de que a objetividade e a impessoalidade são características intrínsecas de certos gêneros de textos, como é o caso de uma reportagem, e que o locutor distancia-se do que está enunciando, ou pelo menos é o que ditam as normas de determinados manuais da “boa redação”, por exemplo. A análise de dados demonstrou, no entanto, uma significativa presença de recursos argumentativos que revelam a subjetividade do locutor, especialmente no emprego de mecanismos linguísticos, como adjetivos intensificadores e modalizadores.

O artigo principia com um breve histórico sobre os estudos argumentativos desde sua criação até a atualidade, em um diálogo com Oliveira (2002; 2004). Em seguida, para introduzir alguns postulados teóricos que permeiam a Semântica Argumentativa e conceituar alguns recursos argumentativos, estão elencadas algumas contribuições de autores como Koch (2003; 2009); Ducrot (1987); Bronckart (1999); Maingueneau (2004). Finalmente, a análise de dados traz, em quadros, os mecanismos evidenciados na reportagem e que atenderam ao objetivo pretendido neste artigo: identificar as marcas linguístico-enunciativas que constroem os sentidos sobre a valorização da tecnologia no ensino.

Fundamentação teórica

De acordo com Oliveira (2002), os estudos sobre a Argumentação têm sua origem na antiguidade grega, mais precisamente no século V a.C., quando Córax e Tísias organizaram o primeiro “método de argumentação” para convencer um tribunal a devolver terras expropriadas de antigos moradores da Sicília. Desse período até o presente momento, muitos caminhos foram percorridos e, conseqüentemente, muitas mudanças foram impressas aos estudos sobre a Argumentação. Historicamente, ela é conhecida como sinônimo de Retórica, por atribuir um alto valor à eloqüência das palavras em prol do convencimento de seu público.

Com presença privilegiada em currículos escolares e em manuais didáticos durante muitos anos, a Retórica valorizou o “ornamento” vocabular dos textos orais e escritos e produziu grandes oradores e articuladores do discurso, sobretudo em apresentações públicas. Aos poucos, entretanto, ela foi perdendo espaço nas instituições de ensino e no cotidiano das relações sociais. A Retórica ou, mais precisamente, a Argumentação, renasce no século XX com o advento dos Estudos da Estilística, da Análise do Discurso e da Linguística.

Assim surge a Nova Retórica que, conforme afirma Oliveira (2004, p. 119-120), é inaugurada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, com a obra *Traité de l'argumentation – La Nouvelle Rhétorique*, que se apresenta como um retorno à Retórica aristotélica. Para esses autores, a Argumentação significa “um ato de persuasão que necessita de técnicas próprias imbricadas no discurso, induzindo e mostrando, convenientemente, o argumento que vai promover a adesão do interlocutor”.

Os estudos sobre a argumentação ressurgem também como um dos objetivos principais da teoria da Enunciação de Benveniste, a qual reúne outros conceitos como discurso, texto e subjetividade. Iniciam-se, dessa forma, os estudos da Semântica Argumentativa, trazendo o discurso como uma estrutura formada pela relação entre os níveis sintático, semântico e pragmático, considerando as “relações entre locutor e alocutário em determinada situação discursiva”, e entendendo que o sentido do texto é construído por “procedimentos argumentativos” selecionados intencionalmente pelo locutor a fim de persuadir o alocutário. (OLIVEIRA, 2004, p. 123).

A admissão de que a linguagem é uma forma de ação sobre o outro e sobre o mundo é o resultado da evolução dos estudos linguísticos ao longo das últimas décadas. Antes concebido como um instrumento codificado passível de descrição e análise dentro de uma relação imutável,

o objeto de estudos língua/linguagem passou a ocupar, na atualidade, um desencadeador de conflitos entre as mais diferentes linhas epistemológicas da Linguística. As divergências teórico-metodológicas existem, no entanto, mesmo que certa área de estudos esteja filiada a um nível mais imanente da linguagem, muitas correntes teóricas estão reconhecendo a necessidade de dialogar com o caráter exterior da linguagem, ou seja, com o nível sociológico desse instrumento de interação.

Koch (2009, p. 15), filiada aos estudos sobre a linguística de texto/discurso, afirma que a linguagem é uma “forma de ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia”. Se marcada ideologicamente, a linguagem é atravessada por discursos atrelados a interesses dos sujeitos da interação, dentro de uma relação sócio-historicamente constituída.

A autora adota a “argumentatividade” como uma das mais importantes funções do ato linguístico, quiçá aquela que justifica a razão de existir da linguagem, o que significa dizer que, ao usarmos a linguagem, intencionalmente realizamos um “ato de persuadir” aquele(s) com o(s) qual(is) nos interagimos, de forma a conquistar uma “adesão aos argumentos apresentados”. Assim, surge a Semântica Argumentativa que inscreve a argumentatividade “no nível fundamental da língua” e que postula uma descrição linguística intermediária entre os níveis sintático e semântico (KOCH, 2009, p. 19).

Em seus trabalhos de análise textual, a autora desenvolve um intrínseco diálogo com os postulados da obra de Ducrot, para tratar, especialmente, de questões teóricas como: pressuposição; personagens da enunciação (locutor/alocutário e enunciador/destinatário), e procedimentos linguísticos ou marcas argumentativas que direcionam o olhar do destinatário sobre o enunciado.

Segundo Koch (2009, p. 33), há marcas linguísticas da argumentação que “estabelecem relações entre o texto e o evento que constitui a sua enunciação”. Esses recursos argumentativos são denominados de pressupostos, explícitos ou implícitos intencionais, modalizadores atitudinais, operadores argumentativos, imagens construídas pelos interlocutores no e pelo discurso.

Embora admita que a argumentatividade seja um aspecto inerente à linguagem, conforme assevera Koch (2009), confirmando a tese de Ducrot, Anscombe e Vogt, reconhecível em praticamente quase todas as escolhas lexicais, é possível afirmar que há recursos argumentativos que se evidenciam em maior ou menor grau, de acordo com o texto e com o gênero ao qual ele se modela, e mais precisamente com a intencionalidade do locutor. Não negando a existência de

uma infinidade de mecanismos linguísticos que, sob a perspectiva subjetiva – mostrada ou não mostrada – do locutor, são selecionados para direcionar a argumentatividade, optei, neste artigo, por destacar apenas alguns recursos de retórica que me parecem, de certa forma, marcados por uma avaliação altamente subjetiva, contrapondo-se, assim, ao caráter estilístico do gênero reportagem.

Entre os mecanismos que se destacam estão os adjetivos, advérbios e verbos que intensificam o dizer enunciativo do locutor e revelam mais explicitamente a sua intencionalidade em torno do conteúdo temático. Além desses, foram identificados os operadores argumentativos que constroem a coesão enunciativa e direcionam a argumentatividade, bem como os modalizadores, que revelam as marcas avaliativas do enunciador, e os argumentos de autoridade, que funcionam como mecanismos persuasivos que corroboram o dizer do locutor. Esses mecanismos de argumentação direcionam o olhar do interlocutor sobre os sentidos que o enunciador pretende que sejam construídos.

Como estão sendo destacados os recursos de intensificação na reportagem, vale ressaltar a contribuição de Azevedo e Oliveira (2005, p. 19) sobre o valor desse mecanismo argumentativo. Segundo as autoras, o “processo de intensificação” configura-se como “um dos procedimentos responsáveis pela argumentação de um texto”, o que faz o interlocutor construir os sentidos identificando a “condensação emocional” impressa no texto por meio dos recursos intensificadores.

Para as autoras, há vários mecanismos intensificadores que revelam a carga emotivo-argumentativa da palavra ou da expressão. Entre eles, destaco os *advérbios* e os *adjetivos intensificadores* que foram identificados como bastante significativos na reportagem analisada. Os advérbios que se enquadram nessa função são, em geral, aqueles classificados, gramaticalmente, como de intensidade, a exemplo de “exageradamente”. Já os adjetivos que ativam um valor mais acentuado ao dizer do locutor são aqueles que “trazem, em sua significação, a noção intensificadora”, como exemplo, “impetuoso”, “nobre”, “profundo”, e outros. (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 10).

Os *operadores argumentativos*, segundo Koch (2009, p. 102), são “morfemas responsáveis” por estabelecer relações que orientam “o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros”. Eles funcionam como orientadores discursivos dentro de uma relação pragmática dada pelo enunciado. Os morfemas que exercem tal papel argumentativo são considerados, pela “gramática tradicional”, de “elementos meramente relacionais”, como os

“conectivos” (mas, desse modo, tal como, etc.), ou ainda como “vocábulo que, segundo a N.G.B, não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais”, podendo ser chamados de “palavras denotativas”, citando Rocha Lima, ou de “denotadores de inclusão (também), de exclusão (apenas), de retificação (aliás), de situação (afinal)”, citando Bechara.

Outro aspecto revelador da argumentatividade construída pelo locutor é a *modalização*. Há vários recursos lexicais que funcionam como mecanismos reveladores da avaliação subjetiva do locutor em face da necessidade de direcionamento do alocutário na construção de sentidos e na formação de juízos de valor sobre o conteúdo temático do texto. Destaco, aqui, a modalização marcada pela escolha de certos verbos em lugar de outros, e pela inserção de “articuladores epistêmicos que assinalam o grau de comprometimento/ engajamento do locutor com relação ao seu enunciado” (KOCH, 2003, p. 136).

Bronckart (1999) insere, em sua proposta de análise da arquitetura textual dos gêneros, os mecanismos enunciativos que podem ser representados por modalizações. Segundo o autor, estas são responsáveis por “traduzir [...] os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”. O autor acrescenta que as “modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento da coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático”. (BRONCKART, 1999, p. 330).

Esse autor constata que as modalizações são marcadas pelos seguintes recursos gramaticais: tempos verbais do modo condicional; auxiliares de modo, como “dever”, “querer”, por exemplo; alguns advérbios ou locuções adverbiais, como “certamente”, “talvez”, “evidentemente”; certas orações impessoais como “é provável”, “é lamentável” (BRONCKART, 1999, p. 334).

Os argumentos de autoridade podem se apresentar de duas formas, segundo Ducrot (1987, p. 140): *autoridade polifônica* e *arraçoado por autoridade* (ou *raciocínio por autoridade*, nos dizeres de Kock, 2009, p. 146). A primeira forma está “na língua”, é o dizer do outro explicitamente enunciado, e a segunda forma “constitui um tipo de demonstração entre outros, como a recorrência, a indução e a analogia. (*ibidem*). A argumentação por autoridade, conceito formulado por Ducrot, partiu de contribuições de Bakhtin e de sua teoria sobre a *polifonia* (DUCROT, 1987, p. 142). Já Koch (2009, p. 146), em diálogo com Perelman, faz referências ao *argumento de autoridade* como um dos *argumentos de prestígio*, que se caracteriza como “um ato ou um julgamento de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova em favorecimento de uma tese.

Em se tratando do gênero “reportagem”, identifica-se, comumente, o discurso direto como uma das principais formas de argumentação por autoridade. Segundo Maingueneau (2004, p. 141), discurso direto (DD) é “a reprodução das palavras do enunciador citado”, apresentada, à primeira vista, da mesma forma como foi proferida por seu locutor. Merece destaque a constatação do autor sobre o DD e seu caráter pseudo-objetivo, pois, como a fala da autoridade pesquisada foi recortada segundo as escolhas enunciativas do texto, tem-se então instalada a subjetividade do enunciador, condicionando, dessa forma, “a interpretação do discurso citado” e conseqüentemente alterando, muitas vezes os sentidos do enunciado produzido em seu contexto original (MAINGUENEAU, 2004, p. 141).

Os mecanismos enunciativos revelando os sentidos na reportagem

O texto analisado trata-se de uma reportagem publicada na Revista *Veja*, no dia 15 de setembro de 2010, na sessão “Educação”. O gênero “reportagem”, pertencente à esfera jornalística, tem a função de informar o leitor sobre um determinado assunto, de trazer algo novo de forma ampliada e, ao mesmo tempo, configura-se como um instrumento formador de opiniões a respeito de assuntos polêmicos ou não. Diferentemente da notícia, o conteúdo temático da reportagem é tratado de forma mais aprofundada, com recursos argumentativos como discursos diretos que trazem falas de especialistas sobre o assunto divulgado ou de depoimentos de indivíduos envolvidos nos fatos que ilustram o conteúdo temático, e ainda pesquisas quantitativas e/ou qualitativas que corroboram a tese do jornalista.

Caracterizada como um texto de caráter impessoal, principalmente por sua função referencial, a reportagem comumente se organiza com recursos que “procuram camuflar a presença do autor, emprestando voz às próprias coisas” e buscando imprimir um “caráter de impessoalidade e distanciamento ao qual a linguagem jornalística é tradicionalmente associada”, como, por exemplo, o emprego da dêixis em terceira pessoa (LEIBRUDER, 2001, p. 232).

No entanto, mesmo que a princípio a impessoalidade discursiva seja identificada no emprego da dêixis de 3ª pessoa ou da voz passiva sintética, ela não consegue ser mantida no texto como um todo. É o caso da reportagem analisada, que traz importantes marcas linguístico-enunciativas que revelam elevada carga subjetiva para um gênero da esfera jornalística. Essas marcas são intencionalmente selecionadas pelo locutor para construir sua argumentação em

defesa da tese apresentada, principalmente porque pretende interferir na formação do ponto de vista do interlocutor a respeito do tema que está sendo tratado – a tecnologia na educação.

Os recursos linguístico-enunciativos que constroem a argumentatividade do texto compõem o objeto da análise a seguir. Optei por recortar excertos da reportagem, os quais se revelaram mais significativos da argumentação e, em anexo, apresento as imagens do texto original em seu suporte sociocomunicativo concreto.

A análise dos recursos argumentativos foi organizada da seguinte forma: 1º) apresento o excerto do texto resultante de uma divisão estrutural do conteúdo temático, com os termos analisados destacados pelo grifo; 2º) apresento um quadro com os termos destacados e suas respectivas análises sintático-semânticas.

Quadro 01 – Excerto 1 da reportagem

<u>Quando a aula chega à rede</u>	
<i>As escolas <u>precisam</u> aprender a aliar a tecnologia ao ensino. Há um bom exemplo no Rio de Janeiro.</i>	
Com crianças e jovens <u>tão fascinados</u> pelo mundo que se <u>descortina</u> na internet, cabe às escolas do século XXI um novo e <u>duríssimo desafio</u> : fazer da tecnologia algo <u>verdadeiramente útil</u> para o ensino – tarefa em que a maioria <u>tem falhado</u> .	

Quadro 02 – Recursos argumentativos do excerto 1

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
precisam	verbo modalizador que imprime valor de obrigatoriedade, imperatividade.
tão	advérbio intensificador do adjetivo “fascinados”.
fascinados	adjetivo intensificador dos substantivos “crianças e jovens” para indicar o estado de encantamento desse grupo diante das novas tecnologias.
descortina	verbo com efeito modalizador de valor semântico semelhante ao ato de apresentação de um espetáculo, ou seja, de trazer algo novo e encantador à plateia, no caso os alunos.
duríssimo	adjetivo intensificador composto pelo sufixo formador do grau superlativo sintético – refere-se ao substantivo desafio, missão dada às escolas.
verdadeiramente	modalizador epistêmico ² – advérbio com valor semântico de certeza.
útil	adjetivo intensificador de valor favorável à tecnologia.
Falhado	particípio do verbo <i>falbar</i> , com traço semântico negativo, indicando erro, descumprimento da tarefa atribuída às escolas.

² Koch (2003, p. 136).

Com esses recursos argumentativos no início do texto, o enunciador introduz a sua concepção de educação brasileira e o valor atribuído aos recursos tecnológicos da atualidade, mais precisamente do século XXI, pressupostamente entendido como uma era de modernidade, de altos avanços tecnológicos. Dessa forma, instaura-se a dicotomia entre educação e tecnologia: a primeira concebida como ultrapassada e ineficiente, a segunda dada como inovadora e eficaz.

Ressalte-se o adjetivo “duríssimo” e sua construção morfológica marcada por um sufixo intensificador raramente usado em textos de linguagem impessoal, como a “reportagem”. Com isso, revela-se o grau de subjetividade que o locutor imprime ao texto com o emprego de um termo com valor semântico depreciativo acentuado para se referir à escola brasileira e sua relação com a tecnologia. A generalização atribuída às escolas, com o emprego do termo “a maioria”, e a escolha lexical do verbo “falhar” pressupõem o senso comum que circula entre os cidadãos em relação à qualidade de ensino no Brasil e que os instrumentos de avaliação e a mídia de um modo geral insistem em repercutir pelos quatro cantos do país.

A tecnologia, por outro lado, é avaliada como “útil”, “fascinante” e “espetacular” e, portanto, essencial para garantir a qualidade no ensino, pois traz algo de novo, diferente e motivador, contrapondo-se, assim, às práticas pedagógicas dadas como superadas diante dos avanços que, em ritmo frenético, deixam a todos cada vez mais ansiosos por acompanhá-los.

Quadro 03 – Excerto 2 da reportagem

[...] Nesse cenário, merece atenção uma iniciativa que, já em fase de testes em algumas dezenas de escolas, se estenderá nos próximos meses a toda a rede municipal do Rio de Janeiro. [...] O projeto sobressai pelo princípio básico – simples, mas acertado: está-se falando de um roteiro muito bem amarrado, que conecta, enfim, a tecnologia ao currículo convencional. Algo raríssimo. Não só se abre aí a perspectiva de tornar a lição mais atracente, como também se tende a ampliar o tempo dedicado aos estudos, uma vez que todos os alunos terão acesso ao tal software em casa. Resume José Armando Valente, especialista da Universidade Estadual de Campinas: “O computador só é capaz de transformar uma sala de aula assim: quando o professor sabe exatamente o que fazer com ele”. [...]

Quadro 04 – Recursos argumentativos do excerto 2

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
Sobressai	verbo modalizador que avalia a superioridade do projeto apresentado.
simples	adjetivo de valor diminuto, mas que produz o sentido de enaltecimento do projeto do Rio de Janeiro.
mas	operador argumentativo de valor oposicionista que objetiva inserir um argumento mais forte.
acertado	adjetivo intensificador do substantivo “projeto”, com traço semântico de valor

	elogioso.
muito bem	advérbios que imprimem dupla intensificação ao adjetivo “amarrado”.
enfim	operador argumentativo que denota sentido de conclusão por parte do locutor.
Raríssimo	adjetivo intensificador formado pelo sufixo de grau superlativo sintético, avaliação negativa do ensino
mais	advérbio intensificador do adjetivo “atraente”
atraente	adjetivo intensificador do substantivo “lição”.
José Armando Valente, especialista/ Universidade Estadual de Campinas	argumento de autoridade, cuja função é legitimar a tese do autor. Essa autoridade é marcada pela formação acadêmica do entrevistado e pelo vínculo com uma Universidade de prestígio nacional.

No excerto 2, surge uma exemplificação constituindo um argumento bastante contundente para corroborar a tese do locutor. O projeto de inclusão da tecnologia no ensino, que está sendo executado pela rede municipal do Rio de Janeiro, tem trazido resultados satisfatórios e, por isso, apresenta-se como um bom modelo para as demais instituições de ensino. Tal constatação é nitidamente exposta na escolha lexical do locutor ao avaliar o projeto com vocábulos a exemplo de “sobressai”; “simples, mas acertado”; “muito bem amarrado”; “mais atraente”, mas, sobretudo, no adjetivo intensificado por um sufixo no grau superlativo, “raríssimo”, novamente semiotizando marcas de subjetividade e afetividade bastante expressivas para um texto jornalístico.

Cabe aqui uma observação quanto ao argumento de autoridade dado pelo especialista: é ressaltado o papel do professor para o sucesso do computador em sala de aula, e é acrescentada a necessidade de capacitação para manuseá-lo. Curioso é que, até então, o enunciador não havia mencionado a figura do professor. Ele vai fazê-lo apenas no parágrafo seguinte, o que torna o argumento de autoridade, de certa forma, desencadeador de uma nova progressão temática no texto que será evidenciada no parágrafo seguinte.

Quadro 05 – Excerto 3 da Reportagem

<p>[...] Iniciativas como essa são <u>flagrante</u> <u>minoria</u> nos diversos países que vêm se empenhando em aplicar tecnologia à sala de aula – <u>sobretudo</u> o Brasil. Uma pesquisa recente, conduzida pelo <u>Ibope a pedido da Fundação Victor Civita</u>, ajuda a dimensionar tal problema. <u>Para se ter uma ideia</u>, de um conjunto de 400 escolas em treze capitais brasileiras, o número das que dispõem de computadores é elevado: 98%. <u>Só que 72% dos professores</u> admitem não estar preparados para fazer uso do equipamento, o que o torna <u>inócuo</u>. Ele acaba se prestando às <u>burocráticas</u> aulas de informática, quando não acumula pó nos laboratórios na ausência de alguém que, <u>pasme-se</u>, consiga manuseá-lo na escola. Falta, <u>sem dúvida</u>, treinamento aos docentes, algo que já se vê em outros países, <u>como</u> o Canadá [...]</p>
--

Quadro 06 – Recursos argumentativos do excerto 3

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
flagrante	adjetivo intensificador do substantivo coletivo “minoria”.
Sobretudo	operador discursivo que acrescenta um argumento peremptório.
Ibope /Fundação Victor Civita	argumento de autoridade – dados de um órgão de pesquisa legitimado socialmente e de filiação ideológica do suporte de publicação do texto.
para se ter uma ideia	operador argumentativo de valor semântico ilustrativo, exemplificativo e ao mesmo tempo destacável.
só que	operador argumentativo de valor semântico de contraposição, a fim de fazer prevalecer o argumento seguinte; recurso de valor sócio- comunicativo informal.
72% dos professores	argumento de autoridade estatística e, portanto, cientificamente, comprovado.
inócuo	adjetivo intensificador do substantivo “equipamento” para atrelar o papel do professor à funcionalidade do computador.
burocráticas	adjetivo intensificador do substantivo “aulas de informática”, revelando avaliação da atual realidade da tecnologia na educação.
pasme-se	verbo modalizador que denota avaliação de alto grau subjetivo do locutor; valor imperativo.
sem dúvida	modalizador epistêmico ³ que assinala o grau de certeza do enunciador diante da necessidade de capacitação dos professores.
como	operador argumentativo que introduz uma comparação, a princípio, exemplificativa, mas que implicitamente revela um grau de superioridade do país citado.

No excerto 3, o que se constata é a tão noticiada tentativa de inferiorizar o ensino brasileiro em relação aos outros países, caracterizados como desenvolvidos, e a atribuir, como sempre, a responsabilidade pelo fracasso escolar à formação e à atuação dos docentes, especialmente em relação ao uso das novas tecnologias no ensino. A inclusão de um dado

³ Koch (2003, p. 136)

estatístico reforça ainda mais essa falta de capacitação para o trabalho com os computadores, mesmo que seja para, pelo menos, saber “manuseá-lo”. Ressalte-se o modalizador “pasmese”, que revela a subjetividade exacerbada do locutor na tentativa de despertar a emotividade negativa do interlocutor.

Quadro 07 – Excerto 4 da reportagem

[...] Embora recentes e ainda pontuais, as experiências com o uso de tecnologia em salas de aula do mundo inteiro lançam luz sobre o que tem funcionado bem. Um dos maiores saltos promovidos pelo computador até então, sem dúvida, diz respeito à possibilidade que ele abre para o aprendizado das crianças em rede. Isso se dá em países como o Japão, onde alunos de diferentes escolas compartilham na internet ambiciosos projetos científicos [...]

Quadro 08 – Recursos argumentativos do excerto 4

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
Embora	operador argumentativo que revela contraposição de argumentos e predominância do argumento da oração posterior.
Ainda	modalizador temporal que indica a escassez das experiências, mas ao mesmo tempo deixa pressuposta a possibilidade de elas aumentarem.
Pontuais	adjetivo avaliador do substantivo “experiências”.
Inteiro	adjetivo intensificador do substantivo “mundo”, imprimindo valor de generalização.
lançam luz	expressão metafórica que revela valor semântico de destaque.
Bem	advérbio modal intensificador do verbo “funcionado”.
Maiores	adjetivo intensificador do substantivo “saltos”.
sem dúvida	modalizador epistêmico que assinala o grau de certeza do enunciador diante dos avanços atribuídos ao uso do computador no ensino.
Como	operador argumentativo que introduz uma comparação, a princípio, exemplificativa, mas que implicitamente revela um grau de superioridade do país citado.
Ambiciosos	adjetivo intensificador do substantivo “projetos”.

O excerto 4 reforça a comparação entre os países que já desenvolveram ações em torno do uso dos computadores no ensino, entretanto acrescenta um dado significativo sobre a escassez dessas ações, mesmo neste período atual entendido como a era da alta modernidade. Mesmo assim, o locutor reforça a importância do computador para o ensino por meio do modalizador “sem dúvida”, que revela o grau de certeza que ele tem sobre a eficiência de tal ferramenta para a mediação nas ações didáticas em sala de aula.

Quadro 09 – Excerto 05 da reportagem

[...] No Brasil, há sinais de que <u>alguns</u> colégios começam a atentar para esses ganhos. No Pedro II [...], <u>o professor Sérgio Lima</u> [...] passou a ensinar física aos estudantes numa rede social, como já fazem alguns de seus pares. [...] “Estou conseguindo quebrar a monotonia”, ele <u>festeja</u> . [...]	
--	--

Quadro 10 – Recursos argumentativos do excerto 5

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
Alguns	pronomes adjetivos de restrição que intensificam a minoridade das escolas que trabalham eficientemente com as novas tecnologias.
professor Sérgio Lima	argumento de autoridade para asseverar a tese do locutor em favor do uso do computador nas escolas.
festeja	verbo modalizador que avalia positivamente a ação do professor que é dado como exemplo.

No excerto 5, finalmente é relatada uma experiência vivida por uma escola brasileira, mas verifica-se que se trata de uma escola localizada em um capital de um grande centro urbano do sudeste do país e que oferece ensino público com recursos disponibilizados pelo Governo Federal, pois é uma instituição que pertence à rede federal de educação profissional, indicando, assim, certa vantagem financeira e geográfica em relação à maioria das escolas brasileiras. Cabe, nesse caso, uma observação importante: a experiência do professor é dada no texto como algo não tão inovador, pois outros colegas de profissão também já mediatizam suas ações didáticas em redes sociais, algo que também pode ser identificado em outras instituições de ensino espalhadas pelo país, cujos professores também interagem com seus alunos via internet. Na instituição onde trabalho tal prática já é realizada há alguns anos por muitos docentes, grupo no qual estou incluída também.

Quadro 11 – Excerto 6 da reportagem

[...] Desde a década de 70, quando surgiu o microcomputador, os educadores passaram a investigar seus potenciais usos na escola – com <u>muita</u> experimentação, <u>mas bem pouco resultado</u> . Será necessário mais tempo para que as atuais experiências se reflitam nos grandes indicadores do ensino. <u>Pode-se dizer</u> que o impacto é bom, <u>talvez</u> decisivo. [...] Empurrados pelos mais variados estímulos fornecidos pelo computador, eles (os estudantes) têm encontrado <u>novos</u> e <u>atraentes</u> desafios intelectuais no ambiente virtual. <u>É justo</u> nesse contexto que as aulas <u>copiadas</u> da <u>velha</u> lousa se tornam completamente <u>ultrapassadas</u> e <u>desinteressantes</u> . Conclui a <u>secretária municipal de educação do Rio de Janeiro</u> [...]: “Está claro que não há como obter avanços sem tornar a escola um lugar <u>minimamente conectado</u> à realidade dos estudantes, como <u>estamos</u> tentando fazer”. É um <u>bom</u> começo para <u>o necessário avanço</u> .”	
---	--

Quadro 12 – Recursos argumentativos do excerto 6

Recursos Argumentativos	Classificação sintático-semântica
muita	advérbio modalizador e intensificador do substantivo “experimentação”.
mas	operador argumentativo de contraposição que ressalta o argumento posterior.
bem pouco	advérbios intensificadores do substantivo “resultado”.
pode-se dizer	locução verbal modalizadora que revela certo grau de atenuação à afirmação seguinte do locutor.
talvez	advérbio modalizador que atenua o adjetivo “decisivo” e que, ao mesmo tempo, exime o locutor da responsabilidade de uma afirmação tão contundente.
novos e atraentes	adjetivos intensificadores do substantivo “desafios”, que emotivamente instauram a avaliação do locutor diante do efeito que o computador promove entre os estudantes.
é justo	oração modalizadora de caráter deôntico ⁴ que revela grau de imperatividade.
Copiadas	adjetivo que avalia emotivamente as “aulas”.
Velha	adjetivo intensificador e avaliador do substantivo “lousa”.
ultrapassadas e desinteressantes	adjetivos intensificadores do substantivo “aulas”, que resumem a avaliação depreciativa do locutor em relação ao ensino brasileiro.
secretária municipal/Rio de Janeiro	argumento de autoridade que corrobora a tese do locutor, voz de autoridade pública.
minimamente	modalizador quantitativo do adjetivo “conectado”.
estamos	modalizador deôntico – inserção do grupo sócio-profissional da entrevistada.
Bom	adjetivo intensificador do substantivo “começo”.
o necessário avanço	expressão formada por um artigo definido que restringe o substantivo “avanço” + um adjetivo de avaliação subjetiva.

No excerto 6, a argumentação do autor em favor de sua tese sobre a importância do uso do computador nas escolas atinge o seu ápice com o reforço de recursos argumentativos – especialmente a adjetivação – que modalizam o discurso do locutor, confirmando o alvo da mídia em geral: colocar o ensino formal em em um enquadramento inferior e ineficaz diante das novas tecnologias.

Dessa forma, o que se constata é o distanciamento entre os avanços da humanidade e as ações pedagógicas. Se não bastasse o fosso que insiste em permanecer entre os avanços das pesquisas científicas na esfera acadêmica e a escola de um modo geral, os discursos em torno das novas tecnologias veiculados pela mídia ressoam e principalmente intensificam as práticas

⁴ Koch (2003, p. 137)

ideológicas da alta modernidade, o que faz alargar ainda mais as distâncias entre o que se realiza em sala de aula e o que o aluno vive no mundo pós-moderno.

Algumas Considerações

O texto analisado permitiu constatar que a linguagem do texto jornalístico, comumente admitida como impessoal e objetiva, é marcada pela subjetividade de seu locutor, principalmente quando é perscrutada sob a luz das teorias linguísticas que abordam o texto e o discurso. Essa constatação pode ser identificada principalmente no emprego de adjetivos e de advérbios intensificadores, utilizados de forma insistente e quantitativamente relevantes na reportagem analisada. Os adjetivos, em especial, revelam a emotividade do locutor e funcionam como avaliadores pessoais dos substantivos apresentados. Assim, não basta querer imprimir a impessoalidade apenas por meio do mecanismo linguístico-discursivo que lhe é característico, a dêixis de 3ª pessoa e, todavia, saturar o texto com adjetivos reveladores das práticas discursivas do locutor e do grupo social ao qual se filia ideologicamente.

De acordo com Bronckart (1999, p. 330), as modalizações têm a função de traduzir “comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” e elas, diferentemente dos mecanismos de textualização, são “independentes da linearidade do texto”, mas que contribuem para a “coerência pragmática” na interação com o leitor. Segundo o autor, os tempos verbais no modo condicional são uma das marcas de modalização. Entretanto, como pode ser observado na reportagem, a escolha de um verbo em lugar de outro de forma a produzir um valor semântico filiado à intencionalidade do locutor acaba por modalizar esse mecanismo linguístico. Utilizar verbos como “descortina” para indicar o valor metafórico de encantamento que o computador promove aos estudantes, ou mesmo inserir um verbo no imperativo “pasmese”, com o intuito de fazer o interlocutor espantar-se diante do que está posto, são semiotizações da avaliação subjetiva diante do conteúdo temático. É uma estratégia argumentativa para convencer o leitor a se filiar à tese defendida.

O caráter argumentativo estende-se para as outras escolhas lexicais feitas pelo locutor. A reportagem analisada foi produzida, como um todo, em torno de um alvo temático: dicotomizar educação e tecnologia, ou seja, apresentá-las como se estivessem em lados opostos em relação à alta modernidade. O ensino, como está posto e pressupostamente enunciado, segue um caminho lento, quase estagnado, em relação aos recursos oferecidos pelas novas tecnologias de

comunicação e informação e a distância entre escola e essas novas ferramentas parece ser tão alargada que acaba por assombrar o cotidiano dos professores, tornando-os ainda mais apreensivos e temerosos em relação à sua prática pedagógica.

O reconhecimento de que é preciso reformular práticas pedagógicas, inserindo os computadores como dispositivos materiais para mediar o desenvolvimento das capacidades dos estudantes é um fato inegável, seja ele tomado com menor ou maior grau de importância por parte dos professores. Todavia, tal expectativa não pode se configurar como imperativa e ameaçadora no cotidiano docente, pois se assim for, estaremos sob a chancela dos formadores de opinião que representam a voz hegemônica de grupos sociais que não se cansam em recriar maneiras de perpetuar as diferenças sociais em um ritmo tão frenético quanto à invenção de novos produtos tecnológicos.

Muitas vezes, e em muitas escolas espalhadas pelo interior do país, há ações pedagógicas primárias que precisam ser implantadas com muito mais urgência antes de se desejar inserir o computador em sala de aula. Essencialmente, trabalhar com esse instrumento tecnológico requer quebra de paradigmas e capacitação profissional e isso se constitui, sem dúvida nenhuma, um desafio para as políticas públicas em nível nacional e institucional, requerendo programas que efetivamente instrumentalizem o professor para agir em sala de aula com as novas ferramentas tecnológicas.

Referências

- AZEVEDO, Melissa C. Herrero; OLIVEIRA, Esther Gomes de. Mecanismos Intensificadores no discurso publicitário. *Revista Entretextos*. v. 5. Londrina – PR: PPGEL, jan. /dez. 2005.
- BRONCKART, J. P. (1999). *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2007.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Rev. Tec. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas – SP: Pontes, 1987.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. (coord.). *Gêneros do Discurso na Escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 5.
- LIMA, Roberta de Abreu. Quando a aula chega à rede. *Veja*, São Paulo: Abril, ed. 2182, ano 43, n. 37, pp. 124-126, 15 set. 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. A Argumentação na Antiguidade. *Signum: Estudos da Linguagem*. n. 5. Londrina – PR: PPGEL, dez. 2002.

_____. Argumentação: da Idade Média ao Século XX. *Signum: Estudos da Linguagem*. n. 7/2. Londrina – PR: PPGEL, dez. 2004.

ANEXO 1 – Reportagem



QUANDO A AULA CHEGA À REDE

As escolas precisam aprender a aliar a tecnologia ao ensino. Há um bom exemplo no Rio de Janeiro

ROBERTA DE ABREU LIMA

Com crianças e jovens tão fascinados pelo mundo que se descortina na internet, cabe às escolas do século XXI um novo e duríssimo desafio: fazer da tecnologia algo verdadeiramente útil para o ensino — tarefa em que a maioria tem falhado. Nesse cenário, merece atenção uma iniciativa que, já em fase de testes em algumas dezenas de escolas, se estenderá nos próximos meses a toda a rede municipal do Rio de Janeiro. O programa foi concebido para amparar, com jogos, vídeos e exercícios na rede, as

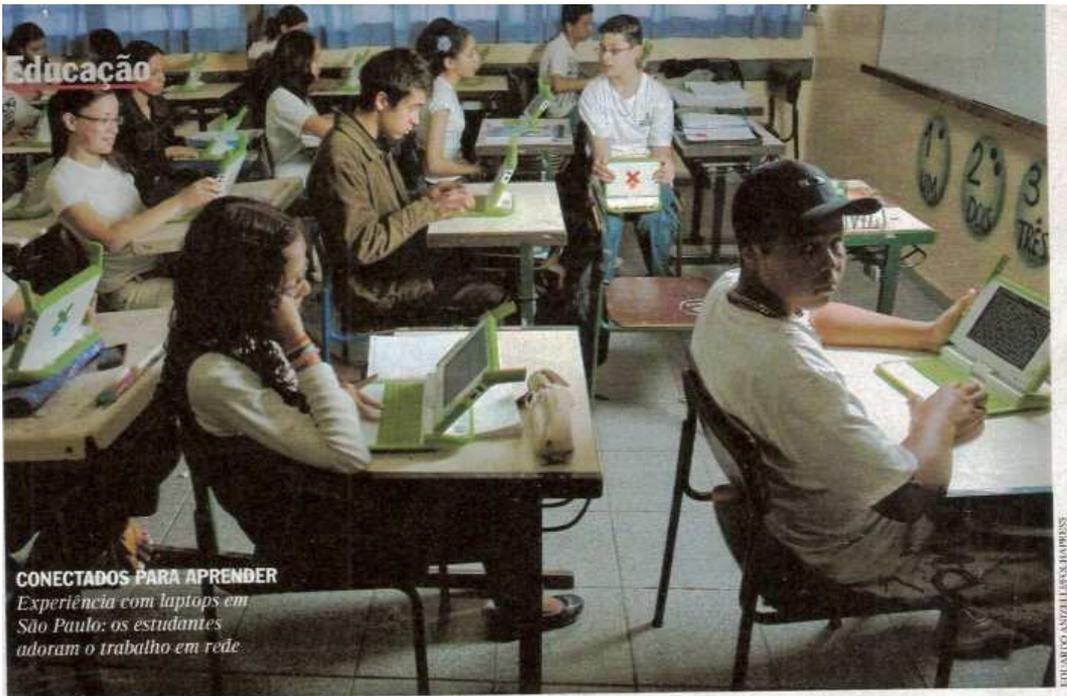
aulas do ensino fundamental. No ambiente virtual, as crianças serão apresentadas a clássicos da literatura brasileira em versão animada e poderão reforçar o conceito de fração, por exemplo, com variados games jogados em grupo. O projeto sobressai pelo princípio básico — simples, mas acertado: está-se falando de um roteiro muito bem amarrado, que conecta, enfim, a tecnologia ao currículo convencional. Algo raríssimo. Não só se abre aí a perspectiva de tornar a lição mais atraente, como também se tende a ampliar o tempo dedicado aos estudos, uma vez que todos os alunos terão acesso ao tal software

CONTRA A MONOTONIA

Alunos de um colégio municipal do Rio: games para ensinar fração e clássicos da literatura em versão animada

em casa. Resume José Armando Valente, especialista da Universidade Estadual de Campinas: “O computador só é capaz de transformar uma sala de aula assim: quando o professor sabe exatamente o que fazer com ele”.

Iniciativas como essa são flagrante minoria nos diversos países que vêm se empenhando em aplicar tecnologia à sala de aula — sobretudo o Brasil. Uma pesquisa recente, conduzida pelo Ibope a pedido da Fundação Victor Civita, ajuda a dimensionar tal problema. Para se ter uma ideia, de um conjunto de 400 escolas em treze capitais brasileiras, o número das que dispõem de computadores é elevado: 98%. Só que 72% dos professores admitem não estar preparados para fazer uso do equipamento, o que o torna inócuo. Ele acaba se prestando às burocráticas aulas de informática, quando não acumula pó nos laboratórios, na ausência de alguém que,



pasme-se, consiga manuseá-lo na escola. Falta, sem dúvida, treinamento aos docentes, algo que já se vê em outros países, como o Canadá — um caso exemplar. As universidades ali oferecem até especialização para ensinar estratégias de como incorporar os computadores às aulas (bastante concorrida, diga-se). Todas as escolas públicas canadenses contam com pelo menos um desses profissionais. Eles estão lá para orientar os demais professores e organizar grandes bibliotecas de softwares.

Embora recentes e ainda pontuais, as experiências com o uso de tecnologia em salas de aula do mundo inteiro lançam luz sobre o que tem funcionado bem. Um dos maiores saltos promovidos pelo computador até então, sem dúvida, diz respeito à possibilidade que ele abre para o aprendizado das crianças em rede. Isso se dá em paí-

ses como o Japão, onde alunos de diferentes escolas compartilham na internet ambiciosos projetos científicos, replicando, em pequena escala, a lógica dos grandes centros acadêmicos. Está provado que, dessa forma, elas exercitam a capacidade

de construir conhecimento em equipe assim como a rapidez de raciocínio — em virtude da necessidade de dar respostas muito rápidas no universo on-line. No Brasil, há sinais de que alguns colégios começam a atentar para esses ganhos. No Pedro II, escola da rede federal no Rio de Janeiro, o professor Sérgio Lima, 41 anos, passou a ensinar física aos estudantes numa rede social, como já fazem alguns de seus pares. Além de exibir filmes sobre experimentos e divulgar listas de exercícios e datas de provas, o professor tira ali dúvidas dos alunos em animadas sessões virtuais que atraem a

classe inteira. “Estou conseguindo quebrar a monotonia”, ele festeja.

Desde a década de 70, quando surgiu o microcomputador, os educadores passaram a investigar seus potenciais usos na escola — com muita experimentação, mas bem pouco resultado. Será necessário mais tempo para que as atuais experiências se reflitam nos grandes indicadores do ensino. Pode-se dizer que há indícios de que o impacto é bom, talvez decisivo. Segundo um levantamento da OCDE (organização que reúne as nações mais desenvolvidas), os estudantes que cultivam o hábito de navegar na internet são justamente aqueles que, ao longo do tempo, obtêm as médias mais altas — em quarenta países. Empurrados pelos mais variados estímulos fornecidos pelo computador, eles têm encontrado novos e atraentes desafios intelectuais no ambiente virtual. É justo nesse contexto que as aulas copiadas da velha lousa se tornam completamente ultrapassadas e desinteressantes. Conclui a secretária municipal de educação do Rio de Janeiro, Claudia Costin, à frente do novo projeto carioca: “Está claro que não há como obter avanços sem tornar a escola um lugar minimamente conectado à realidade dos estudantes, como estamos tentando fazer”. É um bom começo para o necessário avanço.

MUITO COMPUTADOR, POUCO USO

De acordo com uma pesquisa em treze capitais brasileiras, a maioria das escolas já dispõe de computadores...

98%
dos colégios estão equipados

...mas eles ainda não estão sendo adotados em prol da melhoria do ensino

72%

dos professores não se sentem preparados para aplicar a tecnologia na sala de aula

18%

das escolas nem sequer fazem uso do laboratório de computação

Fonte: Ibope/Fundação Victor Civita

Recebido em 08/2014.

Aceito em 09/2014.